



Não é possível aceitar que se faça politicagem com os mais de cem assassinados numa fila por comida em Gaza.

A única atitude compatível com essa violência extrema é a organização da luta de classes que imponha aos governos o boicote total a Israel, enclave do imperialismo no Oriente Médio. Todo suporte a Israel alimenta o genocídio e carrega as armas que assassinam as crianças, mulheres e homens palestinos. Toda e qualquer relação política, diplomática, econômica, militar, acadêmica deve ser imediatamente rompida! Não fazê-lo, é ser cúmplice do massacre, ainda que se discurse contra ele!

 O fuzilamento de dezenas de palestinos, com tiros nas cabeças, que estavam em uma fila para pegar alimentos para suas famílias, famintas pelo estrangulamento de acesso de mantimentos imposto pelo governo genocida de Israel, chocou o mundo.

O assassinato de civis desarmados pelas tropas sionistas encabeça uma lista de atrocidades cometidas desde antes. A destruição de hospitais, a imposição de um cerco para levar à falta de água e comida, a destruição de cidades inteiras, a expulsão de mais de um milhão de palestinos de seus lares, o estabelecimento de campos de concentração de refugiados dentro de seu próprio país, e o assassinato de mais de 30 mil, sendo 12 mil crianças, já conformavam o genocídio, palavra que arrepia os apoiadores do sionismo nazista.

Mas, o que foi feito de concreto para sabotar o genocídio e por um fim aos ataques dos nazi-sionistas? As massas do mundo inteiro tomaram partido: estão ao lado dos palestinos, em todos os continentes, com manifestações de centenas de milhares, até de milhões. Sindicatos operários impuseram por meio da greve e ocupação o bloqueio a portos estratégicos para o sustento dos ataques militares genocidas, em países como Espanha, Bélgica, Grécia. Centenas de sindicatos estadunidenses formaram uma aliança contra o genocídio. Houve ataques de grupos islâmicos contra bases militares israelenses e ianques nos países vizinhos da Palestina. Os houthis bombardeiam navios que pretendem levar insumos para Israel ou de seus aliados no Mar Vermelho, e só vão parar com um cessar fogo em Gaza. Mas o que fazem os governos?

O governo dos EUA acaba de vetar uma resolução do Conselho de Segurança da ONU que condenava o assassinato dos civis na fila por comida em Rafah. Sua justificativa: não há evidências suficientes de que foi um "ataque". A verdade: os EUA sustentam militarmente o genocídio executado por Israel. As armas e munições que mataram mais de cem famintos palestinos foram enviadas pelo imperialismo estadunidense. Os sionistas apertam os gatilhos das armas dos EUA para exterminar palestinos indefesos.

Os governos europeus e do restante do mundo se declaram chocados com os assassinatos da fila da fome, filmados e televisionados. Mas o que fazem de concreto? NADA! Somente declarações hipócritas!

Quando não se toma uma medida concreta diante de uma violência extrema como a ocorrida sobre a fila dos famintos, o fato é que se está sendo complacente com o massacre. Mais ainda:

um sinal de que os nazi-sionistas poderão ampliar o genocídio o quanto queiram, que nada de concreto será feito contra eles.

O presidente da Colômbia, Gustavo Petro, se juntou a Lula no discurso, e comparou o genocídio em Gaza com o ocorrido até 1945, dos nazistas alemães sobre os judeus. O único que fez foi romper um contrato de compra de armas de Israel. Foi até onde chegou. Disse que “o mundo deve bloquear Israel”. Assim como Lula, sua declaração foi inconsequente, pois não foi acompanhada de nenhuma medida concreta contra o armamento do Estado genocida. Há poucos dias, em viagem ao Brasil, o Secretário de Estado estadunidense, Antony Blinken, afirmou que os amigos podem dizer coisas diferentes entre si, mas o que importa é que as ações sejam comuns, sejam unidos pela prática. O recado foi dado, à imprensa, políticos burgueses, e aos governos. O chefe do imperialismo aceita que se falem frases inconsequentes, mas não aceita que se tomem atitudes contrárias ao que fazem e ordenam os EUA, ainda que estejam em decadência.

Somente como fonte de comparação, o governo reacionário de Tarcísio de Freitas, em São Paulo, realiza uma “operação policial” na Baixada Santista que já matou mais de 70 pessoas, somando as duas ofensivas recentemente realizadas, e prendeu mil pessoas, 200 delas com passagem pela polícia. É a maior chacina em São Paulo desde o Carandiru, que também teve a execução de 111 presos, a mando do então governador Fleury. Na verdade, não é uma operação policial, é uma operação de vingança e assassinato que recai sobre toda uma região empobrecida. Quando não são punidos, os policiais que realizam as chacinas recebem um recado claro dos governos: é o de que podem continuar matando, e que nada será feito contra eles, permanecerão impunes.

A comparação tem seu valor porque nos dois casos ocorre a extrema violência reacionária da burguesia contra as massas exploradas. Como classe dominante de um modo de produção em decomposição e em crise mundial, o capitalismo, a burguesia, para preservar seus lucros, tem de caminhar para a direita, para a extrema-direita, de forma a impor suas políticas de sustento do parasitismo financeiro e ainda maiores superexploração do trabalho e opressão nacional, e para isso tem de esmagar as massas em toda parte, atacando as suas condições de vida e trabalho, e até mesmo arrancando-lhes a vida, por meio de guerras ou de “operações policiais”.

É por isso que participamos das manifestações na defesa incondicional da Palestina, rechaçamos a censura ditatorial do governo sionista de Israel sobre sua fala de comparação de Netanyahu com Hitler, mas somos totalmente contrários a subordinar o movimento ao apoio a Lula. O governo burguês de frente ampla de Lula/Alckmin não tomou nenhuma medida concreta de combate ao genocídio. Não cortou relações de nenhuma natureza, nem os acordos com o governo sionista. Não tomou nenhuma medida de sanção contra os interesses e empresas sionistas no Brasil. Até mesmo o acordo armamentista Brasil/Israel firmado em 2019 e votado em 2022 está de pé.

O PT também não estimulou as organizações de massa que dirige a somar forças nas manifestações em defesa da Palestina. Não se pode considerar algumas dezenas de militantes (na maioria, os mais velhos) como um apoio substantivo do partido que dirige a CUT, MST, partilha a direção da UNE, sem falar dos sindicatos, DCEs, CAs, etc.

Reforcemos as nossas exigências: que o governo Lula rompa com TODAS as relações com Israel! Que expulse o embaixador sionista! Que não colabore em nada na força tarefa da ONU contra os houthis no Mar Vermelho! - Que as organizações de massas comandadas pelo PT convoquem as assembleias de base e se comprometam a mobilizar amplamente para os atos, que devem ser de milhões nas ruas!

Trata-se de uma mobilização mundial, à qual devemos fortalecer, para combater o sionismo e o imperialismo em qualquer parte do mundo! A derrota do sionismo e imperialismo em Gaza, ou na Ucrânia, ou no Pacífico Sul (Taiwan) será um passo à frente das massas no mundo todo! Um passo para derrotar a burguesia mundial e as burguesias nacionais, por meio da revolução proletária, para traçar a transição ao socialismo, onde não mais haverá estados opressores e oprimidos, nem guerras, e por onde se chegará ao fim de toda forma de opressão!